



UCRÂNIA

Rússia ameaça EUA após ataque à Crimeia

Kremlin acusa Washington pelo bombardeio à cidade portuária de Sebastopol, à beira do Mar Negro, e promete consequências. Míssil explodiu sobre praia e matou quatro pessoas, na península anexada por Moscou em 2014

» RODRIGO CRAVEIRO

O governo do presidente russo, Vladimir Putin, culpou os Estados Unidos pelo "ataque bárbaro" contra a cidade de Sebastopol, às margens do Mar Negro, na península anexada da Crimeia, e acusou Washington de "matar crianças russas". "É evidente que a participação dos Estados Unidos nos combates, a sua participação direta, que leva à morte de cidadãos russos, tem que ter consequências", declarou o porta-voz do Kremlin, Dmitri Peskov. O assessor de Putin pediu aos jornalistas presentes na entrevista coletiva para que perguntassem à Europa e aos EUA "por que seus governos matam crianças russas". A Rússia afirma que cinco mísseis foram disparados, pelas forças ucranianas, a partir do sistema de lançamento norte-americano ATACMS, no domingo. O quinto míssil teria explodido sobre a praia, matando quatro pessoas, entre elas duas crianças, e ferindo mais de 151 — das quais 82 foram hospitalizadas.

De acordo com o Ministério da Defesa da Rússia, o artefato desviou de sua rota depois de ser atingido pelo sistema de defesa aérea de Moscou. As autoridades russas asseguram que a Ucrânia não consegue realizar, sozinha, ataques com mísseis de longo alcance ATACMS. Por isso, sustentam que o ataque teria sido realizado com a participação de especialistas, de tecnologia e de dados da inteligência norte-americana. Até o fechamento desta edição, a Casa Branca não tinha comentado as acusações do Kremlin.

Os Estados Unidos e países-membros da União Europeia

Wikipedia



Sistema de mísseis táticos do Exército americano, MGM-140 ATACMS, supostamente usado no ataque a Sebastopol

avalizaram o uso de armas ocidentais, por parte da Ucrânia, em ataques de alvos militares russos utilizados para bombardear o território ucraniano. A resposta de Putin veio na mesma moeda: ele ameaçou, no começo do mês, fornecer armamentos equivalentes a inimigos das potências ocidentais, para que alcancem seus interesses em outras regiões do mundo.

A primeira retaliação russa veio no campo diplomático: o Ministério das Relações Exteriores da Rússia convocou Lynne Tracy, embaixadora americana

Reprodução



Momento em que banhistas foram surpreendidos pelas explosões sobre a praia

em Moscou, para informá-la sobre "medidas de represália". "Comunicou-se à embaixadora que tais ações de Washington

autorizando ataques dentro do território russo não ficariam impunes", afirma o comunicado.

Petro Burkovsky, analista da

Fundação de Iniciativas Democráticas Ilko Kucheriv (em Kiev), lembrou ao **Correio** que a Rússia não é mais uma potência equivalente aos EUA. "Moscou não pode desafiar diretamente Washington, pois Putin sabe o tipo de resposta devastadora que seu país sofrerá, tanto militar quanto econômica. Por exemplo, os Estados Unidos podem suspender por completo o comércio de petróleo, gasolina e gás com a Rússia. Além disso, vários destróieres da Marinha norte-americana podem lançar mais mísseis cruzeiros de alta precisão do que a frota russa inteira e destruí-la.

Portanto, o Kremlin nem mesmo tentará provocar um ataque direto aos EUA", afirmou.

Para Burkovsky, a Rússia poderá retaliar o bombardeio em Sebastopol usando ataques cibernéticos ou fornecendo equipamento a aliados, como o Irã e a Coreia do Norte. "O Kremlin poderia enviar a Teerã e a Pyongyang ouro e tecnologia bélica. Mas, descartado uma ofensiva militar direta. Putin foi, e continua sendo, um covarde", ironizou. Ele aposta que o líder russo tentará encontrar meios de apoiar o republicano Donald Trump nas eleições de 5 de novembro, a fim de retaliar o presidente Joe Biden. "Além disso, o que é relevante para os EUA e para a América do Sul, o Kremlin poderá enviar criminosos para países da América do Sul, os quais receberam treinamento, na Venezuela e da Nicarágua, do Grupo Wagner (do mercenário Yevgeny Prigozhin, morto em acidente aéreo em agosto de 2023). Eles teriam o objetivo de cometer ataques violentos massivos em território norte-americano, para forçar uma crise interna que pudesse prejudicar Biden", disse.

Professor de política comparada da Universidade de Kyiv-Mohyla, Olexiy Haran ressaltou ao **Correio** que Sebastopol não faz parte do território russo, apesar de as forças de Moscou terem anunciado a anexação da região em 2014. "Nós chegamos a utilizar nossos próprios mísseis (de fabricação ucraniana) contra alvos russos na Crimeia. A Rússia não pode culpar um país por defender seu território. Isso é simplesmente estúpido e cínico", criticou.

Onde fica



Ataques a igrejas e sinagoga no Cáucaso

A Rússia anunciou o fim dos confrontos armados no Daguestão, região do Cáucaso, onde ataques no domingo contra igrejas ortodoxas e uma sinagoga deixaram 20 mortos e dezenas de feridos. A operação "antiterrorista" iniciada após os ataques terminou na manhã de ontem: cinco criminosos foram mortos, e suas identidades, conhecidas, anunciou o Comitê Antiterrorista Russo. Não está claro se todos os criminosos foram eliminados ou se alguns conseguiram escapar. As motivações não foram determinadas pelos investigadores.

Os ataques ocorreram na cidade costeira de Derbent e em Makhachkala, capital do Daguestão, uma região de maioria muçulmana que fica ao lado da Chechênia e faz fronteira com a Geórgia e o Azerbaijão. Na década de 2000, o Daguestão foi cenário de uma rebelião islâmica, esmagada pelas forças russas depois de anos de confrontos, motivados pela segunda guerra da Chechênia. O Ministério da Saúde local declarou que ao menos 20 pessoas morreram e 26 ficaram feridas no domingo. Não se descarta aumento no

número de mortos, ante a gravidade dos ferimentos.

O Comitê de investigação russo, que abriu uma investigação por "atos terroristas", afirmou que havia 15 agentes das forças de segurança entre os mortos.

Os autores do ataque tinham como alvo duas igrejas ortodoxas, duas sinagogas e um posto de controle policial. A Igreja Ortodoxa Russa declarou que seu arcebispo (presbítero mais antigo), Nikolai Kotelnikov, foi "brutalmente assassinado" em seu templo de Derbent. O grande rabino da Rússia, Berl Lazar, denunciou

um "crime espantoso", guiado pela vontade de "matar o maior número possível de inocentes".

Os ataques ocorreram três meses após o atentado reivindicado pelo grupo extremista Estado Islâmico (EI) no Crocus City Hall, uma casa de espetáculos a alguns quilômetros de Moscou. O massacre de março deixou mais de 140 mortos e reavivou a ameaça do terrorismo islâmico no país. Questionado se Moscou temia a volta de uma insurgência islamista ao país, o porta-voz do Kremlin, Dmitri Peskov, respondeu "não" e disse que a Rússia tinha "mudado".

GUERRA EM GAZA

Netanyahu diz que fase intensa está perto do fim

Israel bombardeou Gaza um dia depois de o primeiro-ministro do país, Benjamin Netanyahu, afirmar que a fase "intensa" da guerra contra o Hamas está próxima do fim em Rafah, no sul do território palestino. "A fase intensa dos combates contra o Hamas está prestes a terminar", declarou Netanyahu ao Channel 14, em sua primeira entrevista desde o início da guerra contra o movimento islamista palestino Hamas, em 7 de outubro.

O premiê israelense, que enfrenta pressões internas e

externas cada vez mais intensas, destacou que isto "não significa que a guerra esteja a ponto de terminar, mas que a fase intensa da guerra está prestes a terminar em Rafah". No início de maio, os soldados israelenses lançaram uma ofensiva terrestre na cidade, localizada no extremo sul da Faixa de Gaza e onde dezenas de milhares de palestinos buscaram refúgio dos combates em outras partes do território.

A localidade tornou a ser alvo de artilharia. Também foram registrados bombardeios

Eyad Baba/AFP



Moradores do campo de refugiados de Al-Bureij, no centro da Faixa de Gaza, observam a destruição

no campo de refugiados de Nuseirat, no centro, e no bairro de Zeitun, na Cidade de Gaza, ao norte, onde houve combates, segundo testemunhas. "Não há água nem comida. Estamos totalmente encurralados", relatou Haitham Abu Taha, um palestino que retornou a Rafah.

Netanyahu afirmou, ontem, perante o Parlamento, que está "comprometido com a proposta israelense" — aprovada pelo presidente dos EUA, Joe Biden — de cessar-fogo, mas afirmou que seu país não vai acabar com a guerra enquanto não eliminar o Hamas.

O plano de Biden, que o apresentou como uma iniciativa israelense, prevê um cessar-fogo de seis semanas acompanhado de uma retirada das zonas densamente povoadas de Gaza, a libertação dos reféns, além da troca por presos palestinos em Israel.